



“Se você quer seguir o Senhor,
prepare sua alma para a aprovação.”

Carta aos
irmãos

DEZEMBRO 2023

A citação com que dou o título a esta carta fraterna está no livro do Eclesiástico (Eclesiástico 2,1), e é uma das frases que é motivo de reflexão ao longo da visita canônica que estou realizando aos religiosos jovens adultos da nossa Ordem, aqueles que estão nos primeiros anos da vida escolápia, após a profissão solene. Mas, penso que podemos aplicar essa sabedoria bíblica a todas as fases das nossas vidas e a todas as pessoas que desejam honestamente viver autenticamente a vocação cristã. Devemos assumir que o caminho vocacional que empreendemos terá as suas dificuldades e haverá provações. Isso é garantido desde o início pelo Senhor, que é quem inspira a vocação: “... cem vezes mais, com perseguições, e no mundo vindouro, a vida eterna ¹”.

Nossos jovens escolápios estão tendo experiências “de provações” de todos os tipos. O diálogo com eles é muito inspirador para poder compreendê-los e compreender que todos nós podemos vivê-las. Por isso, tentarei partilhar com vocês uma reflexão sobre a tarefa de “preparar a alma para a provação”, pensando na nossa vida religiosa escolápia, mas com plena consciência de que tudo é aplicável a qualquer experiência vocacional. Em primeiro lugar, me referirei às “provações” e depois à “preparação da alma”, para terminar com um simples convite.

.....
1.- Mc 10, 30

“Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,13). É assim que Paulo fala, nas suas cartas, quando se refere às diversas provações que teve de experimentar no seu desejo de ser fiel à vocação recebida. Dessa forma, nos dá uma pista precisa de como devemos assumir e trabalhar as provações que vivenciamos. Ouvindo os sentimentos dos escolápios com quem converso, vejo três tipos de evidências, todas reais e todas dignas de serem trabalhadas: provações externas, causadas pelo contexto; provações internas, causadas pela Ordem ou pela própria Igreja; provações pessoais, causadas pelas próprias fragilidades, que nem sempre são bem trabalhadas ou resolvidas. Vamos dizer uma palavra sobre cada uma delas.

Provações externas. Muitas vezes, ouvimos dizer que “a pastoral não é fácil”, que “a educação não é levada em conta pela sociedade”, que “os valores cristãos são questionados pela ordem social estabelecida” ou que “as políticas governamentais tendem a dificultar a nossa missão”. Tudo isso, sem dúvida, é real. E muito mais, incluindo perseguições, proibições ou expulsões. A nossa história está repleta dessas provas ou dificuldades que complicam a nossa vida e a nossa missão.

Não podemos “colocar tudo no mesmo nível” ou valorizá-las da mesma forma. E não vou tentar apresentar um “discernimento dos vários tipos de provações” que podemos vivenciar. Mas, o que quero destacar é que quem acredita que a vida e a missão escolápia são fáceis ou serão potencializadas pela sociedade, está em outro planeta. Nunca foi assim, não é e não será. Precisamente, porque a nossa vocação procura mudar o mundo, o mundo se defenderá das nossas abordagens, desde dinamismos muito diversos. Temos que saber que haverá sempre uma componente de luta nas nossas vidas, uma dimensão contra cultural e uma dinâmica de resistência. E devemos saber pensar, trabalhar, rezar e partilhar isso.

Provações internas. Não há necessidade de ter medo disso e também não há necessidade de simplificá-lo. Às vezes, é a própria Igreja que nos põe à prova, com decisões

injustas e incompreensíveis, ou com posições distantes do zelo apostólico que devemos viver. Devo dizer que estou tendo mais de uma experiência em que é a própria Igreja que nos deixa perplexos. Por isso, pude compreender bem a mensagem que o Papa Francisco nos deu à União dos Superiores Gerais quando nos disse *“obrigado pela paciência com que sabem viver e perdoar as humilhações que, às vezes, sofrem como religiosos.”*

Às vezes, podemos ser nós que causamos dor aos nossos irmãos com decisões mal discernidas, pouco fraternas ou até injustas. Nesses anos, tenho visto escolápios que, em diferentes cargos ou serviços, causaram verdadeira dor aos seus próprios irmãos, e ainda esperamos que reconheçam isso ou peçam desculpas. Essa dor é mais forte e mais difícil de aceitar, pois é produzida pela própria família. E pode causar verdadeiros problemas vocacionais, porque ferem profundamente um dinamismo gravíssimo que todos queremos viver: a alegre pertença às Escolas Pias.

E, às vezes, são as nossas próprias fragilidades institucionais que nos testam: comunidades que não se preocupam com a vocação dos irmãos, processos de discernimento que não favorecem a escuta sinodal ou a tomada de decisões adequadas, ausência de audácia para dar as respostas que as crianças e os jovens, as pessoas, esperam de nós, e muitas coisas mais. Tudo isso se transforma em dificuldades que temos que saber superar.

Provações pessoais, que procedem de nós mesmos, como pessoas. Também existem nossas próprias inconsistências, nosso descaso com a própria vocação, nosso pouco trabalho pessoal para enfrentar desafios, a fraca transparência de vida e as próprias fraquezas que temos como seres humanos podem ser transformadas em testes difíceis de enfrentar e em muros difíceis de transpor. Por essa razão, a sabedoria bíblica insiste que “ai dos corações fracos e das mãos caídas, que nos fazem caminhar por caminhos duplos!”²

Preparar a alma. É uma proposta extraordinária, sugestiva e comprometida. Oferece-nos uma pista precisa para seguir Jesus como escolápios, como membros da Fraternidade, em suma, como cristãos: preparar a alma para a provação. É bom que

.....
2.- Eclesiástico 2, 11

pensemos em como isso se faz, como a alma se prepara para poder viver uma vida complexa e exigente, como definiu Calasanz: “*Aqueles chamados em geral a abandonar o mundo, tendo apenas um espírito de incipientes, ainda precisam se afastar das comodidades do século e preferirão sempre, como mostra a experiência, alguma Ordem já aprovada, na qual depois do Noviciado tenham a certeza de ter a vida garantida e possam chegar ao sacerdócio, em vez de entrar numa Congregação onde, em vez de Essas vantagens, encontrarão outras dificuldades que derivam de uma vida mortificada pela convivência forçada com os meninos, laboriosa pelo esforço contínuo de sua profissão e desprezível aos olhos da carne, que considera assim a educação das crianças pobres*”³.

Como podemos preparar a alma? Como podemos fortalecer o nosso espírito, a nossa capacidade de luta, de resposta, de coerência, enfim, de autenticidade? Gostaria simplesmente de oferecer três pistas, três propostas que podem nos ajudar a refletir sobre esse precioso e emocionante desafio de “preparar a alma para a provação”.

Em primeiro lugar, **cuidando de nossa vida espiritual**. Acho que devemos aceitar que um dos nossos riscos é a negligência real na “vida segundo o Espírito”. Tenho muita certeza de que somente os grupos e comunidades que vivem uma profunda e sustentada *experiência de Deus* terão futuro. A grande incongruência na Vida Religiosa é acreditar em Deus, abrir mão de outros aspectos altamente positivos e saudáveis da vida e, ainda assim, não fazer de Deus o centro da nossa vida. Nós nos acomodamos e aburguesamos. Aqui encontramos um dos problemas mais prementes da Vida Religiosa atual. A acomodação tem as suas raízes na falta de sentido, no esquecimento do porquê e do para quê da nossa vocação.

O crescimento na vida segundo o Espírito está relacionado com tudo o que tem a ver com a vida. A chave da vida espiritual é saber “sair de nós mesmos”, ser permeáveis à realidade, aos outros, ao Outro. Já o dizia João

da Cruz: “*buscar-se a si mesmo em Deus... é muito contrário ao amor*”⁴. A dificuldade “da vida espiritual” coincide com a dificuldade “da vida”. O problema é mais profundo do que o simples fato de perder as Laudes ou negligenciar a oração pessoal, por mais importantes que sejam esses descuidos, que o são.

Claro que é preciso aprender a rezar, é claro que é preciso ser constante na prática da oração, da leitura espiritual compartilhada e/ou pessoal etc. Mas, o que é verdadeiramente difícil é “saber viver em profundidade vocacional”, e saber viver significa estabelecer relações limpas, maduras, sair de si mesmo. É aí onde está a dificuldade. O individualismo, a atonia espiritual e o aburguesamento da vida religiosa, e outros males de que tanto falamos nos nossos documentos, nada mais são do que a ponta de um “iceberg”. A parte oculta (o “iceberg”) seria chamada de “ausência da pessoa”. Somente enfrentando esse desafio compreenderemos, espiritualmente, a proposta do Senhor: “devemos nascer de novo”⁵. E isso só pode ser entendido *espiritualmente*.

Em segundo lugar, **quero propor o caminho da fidelidade**. A fidelidade autêntica, aquela que cria identidade, aquela que mantém o frescor do primeiro amor, aquela em que continuamos a ser movidos pela nossa vocação, que a vivemos no realismo das pequenas fidelidades de cada dia, que se expressa na nossa humilde aspiração de progredir e crescer, o que nos torna modestos e conscientes da nossa fraqueza e que aceitamos recebê-la como um presente imerecido. É uma fidelidade cuidada através da oração, da renovação constante dos nossos compromissos vocacionais e da nossa consagração, a partir de um modo de vida coerente e desacomodado, contando com o apoio da comunidade, entrelaçado no acompanhamento pessoal que procuramos e oferecemos a Deus na Eucaristia, expressão da fidelidade essencial, a de Jesus para com Deus, com a comunidade e com o Reino. Essa é a fidelidade que fortalece a nossa alma. Só uma fidelidade consistente me tornará fecundo, no caminho de Calasanz, no caminho do Senhor.

À entrada do quarto de Calasanz, há uma placa que nos lembra os trinta e seis anos que Calasanz viveu naquele quarto, nos quais

3.- San José de Calasanz. Memorial al Cardenal Tonti. Opera Omnia, tomo IX, página 305-306.

4 - São João da Cruz. Suba o Monte Carmelo 7, 6

5 - Jo 3,3

escreveu as suas cartas, acompanhou os seus religiosos, viveu a sua profunda experiência de fé e oração, cuidou com fidelidade crescente e grata a sua vocação, e aperfeiçoou-a, para que a Igreja a pudesse oferecer como caminho de santidade para todos os seus filhos. Essa fidelidade que provoca força é o que Calasanz propõe na última carta autografada que preservamos: *“Constantes estote, et videbitis auxilium Dei super vos. “Et nunc sumus orantes pro vobis ut non contristemini, sed in tribulatione magis elucescat virtus vestra” (Permaneça firme e verá a ajuda de Deus sobre você. E agora oramos por vocês, para que não sofram, mas que, na dificuldade, brilhe mais sua virtude”*⁶.

A forma como Calasanz coloca o desafio da fidelidade apesar das provações é muito significativa. Comentando a passagem evangélica a que nos referimos acima, na qual o Senhor garante “o cem vezes mais, junto com as perseguições”, Calasanz diz: *“Deus geralmente dá cem vezes mais, especialmente se fazer o bem resultaria em perseguições ou tribulações, que, tomadas com paciência da mão de Deus, são encontrados cem vezes mais em espírito, e como poucos sabem praticar essa doutrina, poucos recebem cem vezes mais em bens espirituais”* (7).

Como terceira pista, ***proponho viver acompanhados espiritualmente, tanto pessoalmente como em comunidade.*** O acompanhamento nos ajuda a *fundamentar adequadamente a nossa vocação.* Para isso, é preciso abordar muitas frentes, muitas dimensões da pessoa. Quando a vocação não está bem fundamentada, pode reduzir-se ao profissionalismo, ao papel ou à realização. Viver acompanhado é necessário por aquilo que fazemos: algo muito importante e que não se pode fazer sozinho: trata-se de *fundamentar adequadamente a própria vocação.*

O acompanhamento nos ajuda a *integrar.* Integrar é *conhecer, aceitar afetivamente e cordialmente o que acontece em mim,* olhando para o chamado maior que a vida sempre me direciona. Tem mais a ver com assunção e pacificação interior do que com

superação ou vitória, mas nos ajuda na luta pela autenticidade. O processo de acompanhamento nos ajuda a saber *“dar um nome”* àquilo que vivenciamos. Isso é o que é característico da maturidade. Dar um nome ao que nos ajuda e ao que nos atrapalha. Ambos fazem parte da nossa vida.

“Preparar a alma para a prova” é uma tarefa necessária para todos nós, uma tarefa espiritual que devemos saber realizar, com tanta humildade como consistência. Só assim poderemos avançar no grande desafio que nos propusemos desde os nossos primeiros passos vocacionais: ser simplesmente Escolápios.

Recebam um abraço fraterno.
Padre Pedro Aguado Sch.P.
Padre Geral

.....
6 - São José de CALASANZ. Opera Omnia, volume 8, página 384

7 - São José de CALASANZ. Opera Omnia, volume 3, páginas 234-235.

É uma carta dirigida a um religioso espanhol que vive em Nápoles e que deseja regressar ao seu país devido às dificuldades que atravessa.